VISÃO DO CORREIO

O eterno dilema da doação de sangue

Junho é o mês mundial da doação de sangue e, por isso, é chamado de "Junho Vermelho". No Brasil, 3,5 milhões de pacientes precisam de transfusões todos os anos, mas menos de 2% da população tem por hábito doar sangue, porcentagem inferior ao recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – que é de, no mínimo, 3%.

Pode parecer clichê, mas o sangue realmente salva vidas. Transplantes de órgãos, atendimentos de emergência, transfusões (inclusive em pacientes oncológicos) e procedimentos cirúrgicos, salvando pacientes vítimas de acidentes, com quadro de anemia crônica, febre amarela e complicações da dengue. Enfim, ele é fundamental em várias etapas da vida humana e as equipes médicas dependem das doações para garantir o sucesso desses procedimentos considerados complexos.

Mas os desafios são grandes. Não é raro vermos campanhas lideradas pelos bancos de sangue, que esperam sempre contar com a solidariedade da população para abastecer os estoques, quase sempre baixos. Em determinados momentos – como feriados e dias em que as temperaturas caem – é mais difícil ainda pelo fato de as pessoas viajarem ou simplesmente não saírem de casa nos dias frios, ou ainda griparem, ficando impedidas de ir até um hemocentro para doar sangue.

Embora tão importante quanto, outro fator que reduz as doações é a imunização. Dependendo da vacina, o doador vai precisar de um tempo maior de intervalo para fazer a doação. Nem todo mundo sabe, mas o ato de doar sangue pode salvar até quatro vidas. Porém, no Brasil, há apenas 14 doadores regulares de sangue para cada 1 mil brasileiros.

O corpo humano tem, em média, cinco litros de sangue. Cada voluntário chega a doar cerca de 450 mililitros (ml). Parece muito, mas o corpo recupera o sangue doado em pouco tempo. Em geral, após 24 horas o doador está completamente recuperado e pode voltar a fazer exercícios e ter uma vida normal.

Os hemocomponentes do sangue são obtidos após a centrifugação. O sangue total é classificado em fresco e estocado. O fresco é aquele que foi coletado em até oito horas, mantido em temperatura ambiente. O concentrado de hemácias dura, em média, 35 dias. Já as plaquetas duram somente cinco dias depois do fracionamento em temperatura ambiente. Pelo fato de durarem pouco, muitas vezes são as mais necessárias. O plasma fica congelado e pode durar até um ano.

Considerado um procedimento simples, rápido e seguro, a doação de sangue elimina qualquer possibilidade de contaminação, já que nenhum material usado na coleta é reutilizado.

Para os especialistas na área de saúde, faltam políticas públicas, faltam hemocentros ou postos especializados, faltam também equipamentos e investimento em insumos. Enfim, sem uma cultura da doação de sangue que possa ser incorporada às práticas sanitárias de todos os estados brasileiros, fica cada vez mais difícil contar apenas com a solidariedade e o altruísmo de alguns poucos brasileiros.



ROBERTO FONSECA
robertovfonseca@gmail.com

Efeitos do clima

Não há dúvida. São as imagens da semana. As fotos e os vídeos da espessa nuvem que tomou conta de Nova York por conta dos incêndios florestais impressionam por vários motivos: a sensação sufocante devido aos baixos níveis de qualidade do ar, os principais cartões-postais da metrópole totalmente encobertos e o retorno do uso de máscaras N95 nas ruas, que nos faz relembrar da pandemia provocada pelo novo coronavírus.

A sensação apocalíptica também é provocada pelo laranja. Como sabemos, é uma cor quente, bastante associada ao fogo, o que sempre deixa um nível de tensão no ar. Filmes futuristas, por exemplo, exploram o tom alaranjado, semelhante a uma poeira, exatamente para provocar incômodo e angústia no telespectador, para fazê-lo refletir sobre o cenário. Mad Max é um bom exemplo.

Analogias cinematográficas à parte, a nuvem de fumaça que se espalhou pelos Estados Unidos — e que também se dissipa rumo a países do norte europeu — atingiu em cheio a população. Casos de cefaleia dispararam por causa da péssima qualidade do ar. Uma das principais buscas no Google nos EUA foi exatamente "dor de cabeça da poluição". Eventos esportivos precisaram ser cancelados, como corridas de cavalos e partidas de beisebol.

Lembranças do famoso nevoeiro de Londres de 1952 logo surgiram. Conhecido como *The Great Smog*, o fenômeno é apontado como um dos piores impactos ambientais provocados pela poluição do ar. Segundo cálculos das autoridades londrinas da época, o nevoeiro causou a morte de 12 mil pessoas e deixou outros 100 mil doentes, vítimas de infecções respiratórias. Teve início, então, uma grande discussão sobre o crescimento incontrolado da queima de combustíveis fósseis na indústria e nos transportes.

Agora, a poluição não foi causada por usinas ou veículos, mas por grandes incêndios florestais no Canadá, principalmente em Quebec. Dessa forma, é necessário o debate sobre as causas e eventuais consequências, assim como o mundo voltou os olhos para as queimadas na Amazônia e que tanto irritou os bolsonaristas.

E tal discussão tende a crescer nos próximos meses. Cientistas alertam para a possibilidade de uma grande variação climática em 2023. A Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos Estados Unidos (NOAA) informou ontem que as condições para a formação do fenômeno *El Niño* estão oficialmente confirmadas.

Assim, há a expectativa de um *Super El Niño*, com temperaturas até 2,5°C acima da média em algumas partes do mundo, com picos entre outubro e fevereiro. No Brasil, os efeitos costumam ser secas severas no Norte e no Nordeste e chuvas excessivas no Sul e no Sudeste. A resposta governamental costuma ser sempre tardia. Será diferente desta vez? A ver.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» **E-mail:** ***sredat.df@dabr.com.br***

Rui Costa

A dolorosa fala do Ministro Rui Costa apunhalou os que realmente vivem em Brasilia. Os habitantes do Distrito Federal lutam pelas suas sobrevivências neste mundo tão egoísta. No entanto, como eles, os fantasmas desta "ilha da fantasia" vêm dos outros Estados (a cada 4 ou 8 anos). Nossos políticos olham mais para seus próprios interesses pessoais do que para as necessidades do sofrido povo brasileiro, principalmente dos candangos, sobre os quais, de alguma forma, eles têm ingerência política. Os brasilienses são parte do povo e eles parte da elite que consome, pessoalmente, a produtividade da grande e bela nação brasileira. Política é uma ciência bela, importante para o povo: "Eleger prioridades e atender aos anseios e demandas dos menos favorecidos!". Vejam só que ironia: residem na capital de todos os brasileiros e querem mutilar o Fundo Constitucional. É um tiro nos próprios pés, os deles mesmos!

» **João Coelho Vítola**
Asa Norte

Críticas infundadas

Muito já se falou sobre Brasília depois que o ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa (PT-BA), cometeu o desvario de rotular a nossa capital de "ilha da fantasia" e afirmar que foi um erro sua mudança do Rio de Janeiro para o Planalto Central. Como candango e defensor intransigente do regime democrático, respeito o posicionamento do citado político, mas não concordo com suas infundadas e injustas afirmações. Elas representam não apenas uma ofensa aos brasilienses, como também um descabido julgamento acerca da histórica e da sábia decisão do saudoso ex-presidente JK de construir a cidade de todos os brasileiros. A impressão que se tem é que Rui Costa desconhece os fundamentos geopolíticos que nortearam a transferência da capital para o interior, prevista da Constituição de 1891. JK, diga-se de passagem, um dos maiores estadistas que o Brasil já teve, tinha em mente promover o desenvolvimento integrado do país mediante a ocupação do interior. Na sua visão, era também preciso proteger o poder central de possíveis ameaças externas. Outra justificativa motivadora da mudança era buscar um ambiente mais tranquilo para o funcionamento da administração pública federal, minimizando os efeitos de pressão popular sobre os Poderes da República. Além disso, parece que o ministro desconhece o fato de que a estimativa inicial dos organismos oficiais de planejamento era de que Brasília iria atingir uma população de cerca de 500 mil pessoas no ano de 2000, mas a previsão foi ultrapassada muito antes e hoje o DF conta com aproximadamente 2.9 milhões de habitantes, segundo prévia do Senso de 2022 do IBGE. Como todo grande centro populacional, Brasília não é diferente das demais capitais. Existem acentuadas desigualdades sociais, motivadas principalmente pelo desenfreado crescimento de núcleos habitacionais periféricos aqui e nas regiões do entorno, sobrecarregando os serviços públicos prestados pelo DF, notadamente nos setores de saúde, de segurança e de educação. Para exemplificar esse explosivo crescimento urbano, vale mencionar que, de acordo com o referido censo, o Sol Nascente se tornou em pouco tempo a maior favela do Brasil com 32.081 domicílios, ultrapassando a Rocinha no Rio de Janeiro, que atualmente está com 30.955 domicílios. Comparativamente com a situação registrada em 2010, o Sol Nascente cresceu 31%, enquanto que a favela do Rio de Janeiro teve aumento de apenas 20%. Por esses e outros motivos e ainda pelo fato de abrigar os Três Poderes da República, as embaixadas e outras instituições que aqui funcionam, é que o Distrito Federal necessita contar com aporte de recursos da União, sobretudo do Fundo Constitucional do DF (FCDF), a fim de cumprir a contento sua função administrativa, prevista na Carta Magna de 88, e atender as demandas da população local e das regiões adjacentes.

» **José Leite Coutinho**
Sudoeste

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Governos dos Estados Unidos e Europa dão estímulos à produção de veículos elétricos. A Pauta verde no Brasil é movida a combustíveis fósseis.

José Matias-Pereira — Lago Sul

Rui Costa tem razão. Brasília é a ilha da fantasia, só para os políticos que ganham muito dinheiro e nada fazem para o povo.

Joanir Mendonça — Asa norte

Bia Haddad é mais uma grata surpresa do esporte brasileiro. Com mais incentivo e profissionalismo podemos ir longe. Valeu, Bia!

Daniel Souza — Taguatinga

Tributos

Não é tarefa fácil mudar o sistema tributário no Brasil. O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), tem enfatizado seu compromisso em fazer a reforma tributária ainda nesse semestre. A reforma tributária brasileira de 1965 revogou a confusa tributação do consumo, cobrada em cadeia nas três esferas do governo. Os ganhos de produtividade contribuíram para o forte crescimento da economia dos anos seguintes. O defeito de origem comprometeu o nosso Imposto sobre Valor Agregado (IVA), que foi dividido em IPI (federal), ICM, depois ICMS (estadual), e ISS (municipal), esse último em cascata. Os estados não podiam alterar alíquotas e bases de cálculo. O Confaz cuidava da harmonização. A situação piorou com a nova Constituição. O ICMS é agora regido por 27 legislações, incontáveis alíquotas e confusos regimes. O Simples tornou-se necessário a pequenas e médias empresas, mas reintroduziu o efeito cascata. Regredimos décadas. O IVA incide apenas sobre o valor agregado em cada etapa. Por exemplo, se o preço ao consumidor for 100 reais e alíquota for 15%, a soma de todos os valores cobrados será 15 reais. Não há mais o efeito cascata. Com o IVA, as empresas produzem o que fazem de melhor, adquirindo de fornecedores o restante. A produtividade, o crescimento, o emprego e a renda se expandem. As exportações são desoneradas. O IVA vigora em mais de 150 países. A exceção são os Estados Unidos, onde o imposto é cobrado apenas na venda final ao consumidor, evitando a cascata. A Índia aprovou um modelo coordenado de IVA nacional, o que pode aumentar o PIB potencial em dois pontos percentuais por ano. Tal mudança teria efeito semelhante no Brasil. Quem se opõe a uma reforma desse tipo diz que ela fere a autonomia estadual, esquecendo que o IVA nacional é a forma de tributação do consumo em federações relevantes. É hora de ousarmos substituindo todos os disfuncionais e falidos impostos sobre consumo por um eficiente IVA nacional. Empresários e comerciantes em geral aguardam ansiosos a solução desse imbróglio tributário, que o Congresso vem procrastinando há décadas.

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214-1211; Fax. (61) 3214.1205 - **Sucursal São Paulo**: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar – Jardim Paulista – CEP: 01403-000 – São Paulo/ SP, Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associadossp@uaigiga.com.br. **Sucursal Rio de Janeiro**: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar – São Cristóvão – CEP: 20940-200 – Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalrj@uaigiga.com.br. **REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo** – Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 – Barro Preto – CEP: 30.180-070 – Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiabrasilcomunicacao.com.br. **Região Sul** – HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 – Menino Deus – CEP: 90.160-240 – Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrm@hrmmultimidia.com.br. **Regiões Nordeste e Centro Oeste – Goiânia:** Êxito Representações — Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C 2, Jardim Planalto — CEP: 74333-140, Goiânia-GO — Telefones:62 3085-4770 e 62 98142-6119. **Brasília:** Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D – 15º andar – Ed. Oscar Niemeyer – salas 1502/3 – CEP: 70.316-900 – Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. **Região Norte** – Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K – Ed Embassy Tower, salas 701/2 – CEP: 73.340-000 – Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e D.A Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: **3342-1000**

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	**R$ 4,00**	**R$ 6,00**

ASSINATURAS *

SEG a DOM
R$ 837,27
360 EDIÇÕES (promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

DIÁRIOS ASSOCIADOS

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568/0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

D.A LOG
Agenciamento de Publicidade